



PENSANDO ÁFRICAS  
E SUAS DIÁSPORAS  
NEABI – UFOP

## Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

### A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição *sine qua non* do ser, do nada e do não ser

Mbuta N. Awa.\*

**Resumo:** Neste ensaio visamos testar o que cunhamos como processo de introjeção opressiva subjetiva (IOS): estudo que visa compreender de forma isolada e estrutural as subjetividades contemporâneas e o papel dos arquétipos sociais. Nesse sentido, os selos sociais, necessariamente dialéticos positivo/negativo, são a condição e base “forma-dor”es do ideal de ego e ethos (individual ou coletivo). Buscando evitar dualismos problemáticos, facilmente criticados, tendo em vista os vários entrelaçamentos e sobreposições várias dimensões (preto/branco, cidade/campo, centro/periferia), adotamos a categoria “par (es) bi-volt(s)”, como o mecanismo de atuação entre os elementos formadores do par. Este é formado sempre por três elementos e/ou partes que o compõem e o formam, sendo também nosso campo concêntrico. Dentro do contexto das relações sociais e corpóreas entre sujeitos, estes legitimados como Ser e “des-legitimados” como Nada e Não-Ser; tradição/moderno; atrasado/evoluído; as margens/parte (s) esquerda (s) /direita (s); asfalto (s) /estrada(s) circulante (s) /elo (s). Tal fato para nós se mostra em termos teórico e metodológico como o caminho a percorrer no descortinar os corpos, *a priori* já marcados por múltiplas representações “positivadas” ou “negativadas”, atrelados à raça/classe/etnia que marcam a historicidade. A IOS é necessariamente a lógica “homogenadora” do tipo panóptica, a qual é, antes de tudo, um mecanismo de defesa em si e de ataque da norma frente a não-norma, aquele Nada, que deve ser vigiado e punido quando, e como se julgar conveniente pelo Ser o “certifica-dor”. O fim dessas práticas é a prevenção, provida pela dialética do ataque-defesa, que gera a estigmatização, bi-voltificada.

**Palavra-chave:** Subjetividade; Racismo; Corporeidade; Fenótipo.

**Abstract:** In this essay we aim to test what we call subjective oppressive introjection (IOS): a study that aims to understand in an isolated and structural way the contemporary subjectivities and the role of social archetypes. In this sense, social seals, necessarily positive / negative dialects, are the condition and basis of the ego-ideal and ethos (individual or collective). In order to avoid problematic, easily criticized dualisms, in view of the various interlacings and overlaps in various dimensions (black / white, city / field, center / periphery), we adopt the category “bi-volt” pair mechanism of action between the forming elements of the pair. This is always formed by three elements and/or parts that compose and form it, being also our field concentric. Within the context of social and corporeal relations between individuals, these are legitimated as Being and “de-legitimized” as Nothing and Not-Being; tradition / modern; delayed / evolved; the left / right margins / part (s); asphalt (s) / road (s) / chain (s). This fact for us is shown in theoretical and methodological terms as the way to go in discovering the bodies, presupposed already marked by multiple “positives” or “negatives” representations, linked to the race / class / ethnicity that mark the historicity. IOS is necessarily the “homogenous” logic of the panoptic type, which is, above all, a defense mechanism in itself and attack of the norm against non-norm, that Nothing, which must be watched and punished when, and as if deemed convenient by the Being the “certifier”. The end of these practices is the prevention, provided by the dialectic of the attack-defense, that generates the stigma, bi-voltified.

\* Mestrando em Antropologia Social. Bolsista CNPq/PEC-PG 2011. FF LCH/USP. E-mail: nmz@usp.br

**Keyword:** Subjectivity; Racism; Corporeidade; Phenotype.

## **Introdução**

A Introjeção Opressiva Subjetiva – IOS - é o processo de des-legitimação antropopolítico e psicossocial que fornece os selos sociais, negativos para os afro-africanos e os positivos para euro-europeus. Logo, passa pela necessidade de se compreender de forma isolada e estrutural, a real importância e o papel dos selos do ser, do nada e do não-ser, no processo de certificação social. Estes que se tornam os formadores do ideal de ego deste sujeito (individual ou coletivo) já des-legitimados e, porém dentro da condição de dupla mão, onde só há a existência do ser sé é possível por meio do outro não similar in-reflexo, convertido em não-ser. A ação de des-legitimação é o ato de desligar, desunir, e/ou a quebra da aliança que dá o reconhecimento como legítimo ou autêntico: tira assim a qualidade e o reconhecimento do legítimo. A IOS é um mecanismo de defesa em si, que passa pela necessidade do estado *homogenador panóptico*, e é, antes de tudo, um mecanismo de ataque contra o nada. Este ataque deve ser vigiado e punido quando se julgar conveniente pelo ser, a cópia divina, o certifica-dor, das dores, do nada. Este último é o negado, o culpado inato, previamente condenado, antes da concepção, visto que ser filho de nada, herdeiro bio-psico e sócio-cultural de um arquétipo a-anima. O nada é o campo de cultura para que os mecanismos de introjeção terminem em uma até então condição inconsciente-consciente de reclamação simbiótica do ser.

E “com o arquétipo de anima entramos no reino dos deuses, ou seja, na área que a metafísica reservou para si. Tudo o que é tocado pela anima torna-se numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu mágico. Ela é serpente no paraíso do ser humano inofensivo, cheio de bons propósitos e intenções. Porque a anima quer vida, ela quer bom e o mau. No reino da vida dos elfos, tais categorias não existem. Tanto a vida do corpo como a vida psíquica têm a indiscrição de se portarem muito melhor e serem mais saudáveis sem a moral convencional. Anima é vida além de todas as categorias e por isso pode dispensar qualquer

louvor ou ultraje<sup>1</sup>”. E, seguindo Foucault,(2012, p. 41), uma certificação “é também a forma mais rigorosamente necessária do quiproquó na economia dramática, pois não necessita de nenhum elemento exterior para chegar ao verdadeiro desfecho. Basta-lhe impelir sua ilusão até o ponto da verdade. Deste modo ela é, no próprio núcleo de sua estrutura, em seu centro mecânico, e simultaneamente, uma conclusão fingida (plena de um secreto recomeçar) e iniciação àquilo que surgirá como a reconciliação com a razão e a verdade”, onde a presença do *bi-voltismo* é condição *sine qua non* como recurso de linguagem nos discursos e dispositivo hierárquico. E ainda segundo Carl Jung (2012, pp. 14, 34-6), o arquétipo representa um modelo hipotético abstrato, essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matrizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. O seu significado fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito. Anima significa alma e designa algo de extremamente maravilhoso e notável. Um ser que tem alma é um ser vivo. Alma é o que vive no homem, aquilo que, vivo, por si só gera vida. Com sua astúcia e seu jogo de ilusões, a alma seduz para a vida e a inércia da matéria que não quer viver. Ela (a alma) convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida. A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe: ter alma é a ousadia da vida, pois a alma é um *daimon* doador de vida, que conduz seu jogo élfico sobre o sob a existência humana, motivo pelo qual, no interior do dogma. Assim, o homem é ameaçado e propiciado com castigos e bênçãos unilaterais que de longe ultrapassam os merecimentos humanamente possíveis.

### **O amargor da certificação**

O nada dentro de sua condição de culpabilidade, de descendente de um condenado previamente, recebe o selo da naturalização de sua própria opressão, visto o pressuposto genótipo da condenação previa. É-lhe aplicada a pena ânima, que o conserva dentro de seu *status quo*, de “o reprovado”. Nesse sentido, a *IOS* é a pena necessária, isto é, um sistema de signos e códigos culturais, onde o que se verifica é a presença dos fins psico-normativos preventivos da pena, definida pelo ser. Assim, o não-ser sofre as consequências explícitas e implícitas, dessa dialética de ataque-defesa onde a análise psico-lógica das consequências bio-psíquicas são ignoradas por aquele que divinamente recebeu a condição de norma-divina. O

---

<sup>1</sup> JUNG, Carl Gustav. **Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo**. In: Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 8ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 36, 37

fim dessas prática no cotidiano é a prevenção, provida pela dialética do ataque-defesa, que gera a *estigmatização*, subjetivamente imputada ao não-ser. Dentro de sua condição de morte social o não-ser é um ser um sem o ser, visto que é como o loureiro rosa é o símbolo do amargor enganoso - do amargor que se esconde sob uma aparência agradável do conjunto de selos sociais que formam o involucro bio-fílmico. É do somatório e agrupamento de um conjunto de signos que são formados os selos sociais (sistemas de signos sociais) que em conjunto dos códigos culturais formam uma espécie de invólucro (*sistema de sistemas de signos sociais positivos ou negativos*) de um grupo ou indivíduo, este que em sua essência é da ordem do discurso. Dessa ordem são cegamente retiradas as significações que, após o agrupamento de signos e códigos de várias ordens em torno do invólucro, resultam em um bio-filme. Este, por sua vez, é uma espécie de membrana social de carga positiva ou negativa que se convertem por meio das normatizações dos lugares e corpos dentro do par. Assim, que “o maior desafio é a compreensão da natureza das interações – entre códigos, linguagens, sistemas culturais das mais variadas procedências – a partir das quais culturas radicalmente diferentes dialogam e se compreendem mutuamente” (MACHADO, 2007, p. 17).

O *bio-filme* é a unidade maior ou sistema cultural resultado de agrupamentos de múltiplos sistemas de signos arquetípicos, produzidos a partir das dinâmicas entre a tez, o fenótipo e os fenômenos da vida social. Essas interações culminam na estrutura base do bio-filme, visto que este é um texto, habitat e a vida dos signos no universo cultural de cada indivíduo envolvido dentro do par. O Texto, segundo Bystrina (apud GUIMARÃES, 2000, p. 85), possui vínculos com os mais antigos textos conhecidos da cultura humana: os mitos e os rituais. Ainda de acordo com Lotman, (LOTMAN et al apud GUIMARÃES, 2000, p. 86) o texto pode ser elemento primeiro (unidade de base) da cultura. E a correlação entre a tez, e o fenótipo com o todo da cultura é pública e com o seu sistema de códigos, e arquetípicos que, em conjunto, se manifestam como documentos de atuação a níveis diferentes e diversos, no par. Assim, a simbologia da tez e do fenótipo é dependente do armazenamento e da transmissão do conteúdo público étnico-racial do ser, do nada e do não-ser. Estes podem transpor períodos de tempos maiores ou ter validade por um período menor, assim como pode variar em relação ao seu repertório compartilhado por aqueles que do par “participam do processo da comunicação.” Não deixamos de notar os vínculos no que acontece quando as pessoas e ou grupos acionam e se expressam por meio do sonho de obtenção de um selo “ser”, onde a presença do *bi-voltismo* é condição *sine qua non* como recurso de linguagem nos discursos e

[47/55]

***A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição sine qua non do ser, do nada e do não ser*** • AWA, Mbuta N.

dispositivo hierárquico. E de acordo com Luciano Guimarães (2000, pp. 87 e 92), o preto simbolizava as trevas que antecederam à criação do universo. E a binaridade branco-preto é normalmente polarizada e assimétrica, atribuindo-se o valor positivo ao branco e o valor negativo ao preto, início e fim: a luz como origem de todas as formas e o preto como fim (carvão, cinzas). O pólo negativo está presente, por exemplo, quando dizemos que “a situação está preta”, ou que tivemos “um dia negro”, assim como o pólo positivo está presente quando dizemos que alguém tem “ideias claras” ou que é uma “pessoa iluminada”. E por vezes o preto é uma não-cor, que é em oposição à presença das cores. Em oposição ao preto, o branco é a cor da vida e da paz. “Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas”. E segundo Bystrina (1995, p. 6), o homem começa a demarcar os pólos binários desde o início da sua existência. Onde não existe perigo, não há sinal, não há desafio. Isso significa que os conceitos, ideias ou objetos que não possuem seu correspondente pólo negativo não podem ser sinalizados, não podem ser demarcados.

### **O certificado e sua estrutura bio-filmica**

O indivíduo morto socialmente anteriormente pertencente ao grupo dos nada, introjeta os valores culturais do ser, como seus. Desse modo se faz crer ser um ser visto, o selo ganho. Acredita-se superior aos nada e fora de sua ancestral condição. O afro-africano totalmente des-informado a respeito do que seja realmente uma certificação IOS, abraça-a de forma suicida-patológica, visto que o não-ser é um corpo disciplinado. É egresso de todo um sistema de símbolos e estigmatização social, que o discrimina, rotula e o relega a condição do nada total. Portanto, este corpo é excluído do processo produtivo e alijado da interação social, do ser e do nada. Este mecanismo de ataque-defesa garante a continuidade da condenação, do não-ser como coisa. Um objeto que só lhe é possível alguma “*socialidade*” por meio da apresentação do selo fornecido pelo ser. O ser, o hegemônico psico-lógico, detentor do poder, adota, segundo suas necessidades, procedimentos de controle da produção coletiva do não-ser como suas, e é por este processo de *des-legitimação* que o ser apresenta sua auto-afirmação e representação como o representante divino, o responsável por guiar o nada. Do processo de introjeção, a certificação pela intervenção e morte social do nada se apresenta o reconhecimento do nada a ser certificado, a realizar-se por meio de padrões branco-europeu convertidos em norma universal. Então, o liquidificador da certificação é acionado, a embalagem que garante uma aparência branco-europeia em que se esconde uma série de

[48/55]

*A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição sine qua non do ser, do nada e do não ser* • AWA, Mbuta N.

fatores que demonstram o quanto a IOS promove o *epistemicídio* que culmina em si no deixar de existir do ser certificado. A certificação *naturalizada*, introjetada como condição *sine qua non* das organizações psíquicas, dos Não-Seres, que desejam conseguir algum selo e destaque no cenário euro-europeu.

E a aceitação de um selo IOS por parte do afro-africano que procura um reconhecimento a todo o custo, que procura se adequar as normas que garantem uma certificação; e, que por consequência dessa adaptação, obtém e mantém a certificação que cria um suposto diferencial competitivo frente aos seus antes entes. Selo esse que esconde o fundamental: a alienação e morte social branqueadora. O certificado não-ser é o portador da mão invisível branca que “garante” o tão sonhado valor agregado. Assim, a certificação configura uma forma de organização político-jurídica e psico-lógica de se colocar as coisas nos seus devidos lugares de maneira sistemática; e ajuda o certificador a entender o que se passa internamente e, de certa forma, orienta o tratamento dos processos e ações que devem ser executados por parte daquele que deseja ser um ser.

A farsa euro-europeia se sustenta numa suposta falta de razão epistêmica do nada, que segundo norma-divina, o nada carece e merece uma epistemologia a ser doada pelo próprio representante divino. Ela retira essa epistemologia Ser, e faz o uso das benditas doações divinas a que teve de ante-mão reservadas a si como guia de todos não euro-europeus. Explicando os males do “a ser certificado”, por meio do discurso que relegam ou o isentam de responsabilidade alguma, visto serem males extra-terra. Logo, o agora não-ser mantém toda a carga e representações sociais hegemônicas: *isotrópicas de nada, e recebe uma nova*, fruto de uma epistemologia criada por meio de ferramentas e discursos, chancelados como acadêmico-científicos, donde resulta um amálgama de representações sociais, tais como: a de inferioridade; de incapacidade intelectual; de incapacidade de produzir uma consciência “verdadeira”; de insuficiente capacidade de auto-governar; da falta de sociedades e cultura; da ausência de instituições; da animalesqueidade sexual e corporal; de pertencimento ao primeiro estágio na linha “evolutiva” da raça humana. Essas representações culminam em um bio-filme não total, visto sua condição social já certificada, que para o ser continua mesmo após certificar o não-ser antes nada já *mutado* em um novo ser-nada, para o ser, e nem para os critérios dos nada. Nessas condições, o sentimento de inferioridade do não-ser convive com o desejo de superioridade, que o nada a certificar, na

[49/55]

*A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição sine qua non do ser, do nada e do não ser* • AWA, Mbuta N.

busca

selo

euro-

européu, apresenta sua patologia-protesto, que consiste no ser como não-ser - segundo os critérios normativos que definem quem é ser e quem é nada. O não-ser afirma-se por duas vias: lembrando ansiosamente seu selo e estudando o outro antes seu ente; e negando a ancestralidade africana em sua constituição bio-subjetiva, de não-ser ressaltando o selo como mérito.

Para o certificador, a IOS é uma forma real e, ao mesmo tempo, imaginária, da desordem e tem a disciplina como correlato médico e político. Por detrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror das desordens, das revoltas, dos corpos indisciplinados. A IOS sendo um policiamento tático, metuculoso, onde as diferenciações individuais são os efeitos limitantes psicopatológicos que se multiplicam, se articula, e se subdividem: a essas psicopatologias chamamos de certificados ou selos IOS. O não-ser, pelo menos, permanece no estado de previsão, sendo a prova durante a qual se definem os ideais do poder disciplinar branco. Aos nada se impõem imperativamente as táticas das disciplinas individualizantes; e de outro lado à universalidade dos controles disciplinares permite marcar quem é branco e quem não o é, que funciona contra o Não-Ser de modo dualista do ataque-defesa. A divisão e classificação constante do ser e do nada, a que o não-Ser é submetido, leva-se e aplica-se a todo e qualquer objeto pertencente à estrutura sócio-cultural do nada, da marcação binária e do exílio do selo. Existe todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa, medir, controlar e corrigir os não-ser. Estas fazem funcionar os dispositivos certificadores e disciplinares que o medo do nada proporciona ao ser. Todos os mecanismos de certificação que, ainda em nossos dias, são usados para naturalizar e clivar em torno do nada, para marcá-lo, para enxergá-lo e modificá-lo, compõem essas duas formas que logicamente derivam o “ataque-defesa”. Daí o efeito mais importante da certificação, que é o de introjetar no não-ser um estado consciente e permanente de inclusão-exclusão que assegura o funcionamento automático da certificação, visto que certificar é garantir regras e valores absolutos, os quais são incontestáveis. Estes são reservados a todos os nada socialmente relevantes de acordo as normas divinas, ou assim julgado pelo ser.

Diante da complexidade das sociedades, na dualidade ser-nada e ou incluído/excluído, a regra é clara e única. A prevenção geral positiva (o ataque), que consiste em garantir o *status quo* branco nas sociedades. Assim, na sociedade de confiança, não se

[50/55]

*A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição sine qua non do ser, do nada e do não ser* • AWA, Mbuta N.

espera ser nada, mas, se o não-ser ultrapassar os limites de sua condição de não Total, sobre ele abate-se o flagelo da branquidade, não podendo socorrer-se a instituição alguma, visto que é não-ser nem é nada. Daí o não-Ser, este que supostamente deixou de ser preto, necessita e introjeta-se mutando, enquanto o processo de *introjeção opressiva subjetiva* chega ao seu fim. E para que não-conformidades à norma não ocorram, a certificação garante “oportunidades” e “privilégios” maiores ao não-ser que não é ser e que também não é nada. Impulsionam a imagem do (a) certificado (a); aumento da satisfação do certificador. A mudança de foco da condição cognitiva do nada à prevenção de comportamentos fora da norma ser. Esse certificado resultade uma grande mudança psicocultural e estruturante do afro-africano a todo custo do não-ser, que o ser não a busca, sendo este último o certificador. Por fim, a certificação normalizadora torna-se num amalgama que se pendura nos corpos e mentes do não-ser e do nada que busca ser um ser. E este não-ser se apresenta utilizando uma narrativa psico-sociopatológica que adquiriu: o selo branco por mérito e esforço próprio ao contrário de seus entes nada, não certificados. Essa narrativa leva o certificado a uma condição suicido-radical das “*tradições*” afro-africanas, visto as representações e simbolismos que as mesmas exalam. O todo negável e não desejável.

Transformado em um método processual, a *introjeção opressiva subjetiva* não é apenas o meio, mas o fim, o passo importante na busca da condição Ser, que nunca se será. Percorrendo ainda a mesma metáfora psicanalítica, diremos que a sintomatologia da certificação incide sobre o corpo. Porém, de modo inverso ao da conversão Orí, e do fato de que não há diferença essencial entre a estrutura do *modus social* antes e depois de se obter o selo. O fato é que, mesmo após a certificação, os mesmos laços sociais hierárquicos, as mesmas representações ideológicas que implicam em vermos aparecer à mesma sintomatologia, na medida em que se trata de uma manutenção, de retorno de um laço social antigo e em um modo de *socialidade* posterior. Um não-ser é essencialmente um selo, e um selo de certificação, em virtude desse princípio, um certificado, sendo que selo e não total, diríamos que, é quase um pleonasma, visto que o mesmo nasce para ser socialmente nada. E durante toda a sua vida o não-Ser, está destinado a morrer como nada, visto que continua sendo um nada para o ser. Apenas definido e tratado como um não-ser, provisório, ou seja, revogável a qualquer momento pelo seu fornecedor visto que não se é realmente um branco e nem preto.

## Conclusão

A análise mítica não tem, nem pode ter por objeto mostrar como homens pensam, nem mostrar como homens pensam nos mitos, mas como os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 31). Existem razões antropológicas que, em relação aos obstáculos culturais constituídos historicamente, relegam e reforçam as representações sociais, sempre negativas quando associadas ao preto e sempre positivas quando associadas ao branco. Logo o bi-voltismo apresenta em si uma oposição inter-relacional entre os seus pólos de forma bio-fenotípica e psico-moral. O mulato-assimilado como elo entre as partes é o bi-volt constituído que reivindica a destreza e sua meta enquanto portador de um duplo sistema de signo (biológica e cultural): tende a prevalência para o sistema-cultural branco-europeu, já que a preto-africana implica necessariamente ser um a-histórico, um atraso, o ridículo, uma patologia face à norma.

Assim, a tez e o fenótipo são como pólos da mesma ordem hierárquica social, e são por si só signos e códigos culturais que produzem marcadores sociais de diferenciação e de fronteira(s) entre os que coabitam numa dada semiosfera. Por meio da capacidade associativa do cérebro humano, enquadram-se os sujeitos valorativamente em um dos pólos/partes, que os levam a ser (em) conotados como propriedades ou como qualidades naturais da pessoa ou do grupo étnico/raça. O par é a estrutura e o bi-voltismo o signo desta. Sabendo-se a estrutura, decifra-se a linguagem das relações intra-par e inter-par. É assim que “como os mitos se fundam, eles próprios, em códigos de segunda ordem (sendo os de primeira, aqueles em que consiste a linguagem)”, o par fornece um “esboço de um código de terceira ordem, destinado a garantir a tradutibilidade recíproca de vários mitos. Mas, tanto quanto os outros códigos”, a tez e fenótipo enquanto um tipo de selo “não é inventado ou recebido de fora. São imanente à própria mitologia, onde apenas o descobrimos (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 31).

Daí que os selos sociais se desenvolvem como nebulosas, sem jamais reunir de modo durável ou sistemático a totalidade dos signos e códigos culturais do próprio par-bivolt, de onde a são retiradas cegamente a(s) substância(s) para processar e concluir o ato de estigmatizar um indivíduo e ou grupos. Assim, um selo tem por característica principal guiar e mostrar o caminho mais seguro para o detentor do índice de classificação. E nos humanos o *bio-filme* atua de igual modo como nos “organismos primitivos, que, mesmo envolto numa

[52/55]

*A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição sine qua non do ser, do nada e do não ser* • AWA, Mbuta N.

membrana, mantêm ainda a capacidade de mover seu protoplasma no interior do invólucro e de distendê-la prodigiosamente para emitir pseudópodes: um comportamento que não parece tão estranho quando verificamos que seu intuito é capturar e assimilar corpos estranhos” ou do extremo que não possui o índice classificatório dentro do par (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 23). Logo, um selo possui valores arquétipos em sua unidade tendencial e projetiva, e nunca reflete um estado ou o seu momento social de fato. Seu critério de validade não se prende, portanto, aos elementos da história da dominação portuguesa em Angola. E no perseguir isoladamente, a tez, o fenótipo e a corporeidade, que se mostra intangível, a investigação. Para LÉVI-STRAUSS (2010, p. 32), os esquemas míticos apresentam no mais alto grau o caráter de objetos absolutos, os quais, se não sofressem influências externas, não perderiam nem ganhariam partes. Segue-se que quando o esquema sofre uma transformação, esta afeta solidariamente todos os seus aspectos. Consequentemente, quanto um aspecto de um determinado mito parece inteligível, um método legítimo consiste em tratá-lo, de modo hipotético e preliminar, como uma transformação do aspecto homólogo de um outro mito, ligado para reforço do argumento ao mesmo grupo, e que presta melhor à interpretação. Isso implica somente que cada mito, tomado em particular, existe como aplicação restrita de um esquema cujas relações de inteligibilidade recíproca podem ser percebidas entre vários mitos, ajudam progressivamente a extrair.

Para a abordagem semiótica, os selos sociais “trata-se da constituição de sistemas de signos, que mesmo marcado pela diversidade, apresentam-se inter-relacionados num espaço cultural, estabelecendo entre si diferentes diálogos graças aos quais o choque se transforma em encontro gerador de novos signos. Por conseguinte, os encontros culturais são definidos como momentos explosivos, capazes de redirecionar o campo de forças em todos os níveis da conjuntura social. E do ponto de vista filosófico, explosões culturais são momentos de grande imprevisibilidade que levam ao florescimento de novas configurações no cenário das representações culturais. Muitas vezes são movimentações subterrâneas, quase invisíveis” (MACHADO, 2007, p. 17). Portanto, o bi-voltismo como linguagem é condição e a corrente de relações semióticas, entre dois sistemas de signos e códigos culturais, já que praticamente se opôs a norma, no pós-independência. Este que geralmente se inscreve e ou admite um estar ou ser fora do par, sendo um contínuo que possibilita a codificação social e cultural deste mesmo contínuo, é o espelho nacional, mas com uma codificação de ação individual no sentido de grupo individual. Como signo atua de modo semiconductor dentro do par, e depende

[53/55]

*A introjeção opressiva subjetiva, e o bivoltismo enquanto condição sine qua non do ser, do nada e do não ser* • AWA, Mbuta N.

da alternância da ação individual aplicada sobre avariabilidade de selos sociais disponíveis. Suas partes e ou margens são metáforas do universal pretendido como totalizante das relações, porém não do par bi-volt em si. E nos pólos, a informação cromática contida na tez e no fenótipo devem ser recebidas de forma menos ambígua possível por parte daquele que deseja atravessar as partes, ou seja, deve haver a correspondência entre o conteúdo produzido socialmente e o repertório valorativo de leitura, das semiosferas existentes. Desse modo os indivíduos de cada polo são responsáveis em conhecer e aplicar o repertório a ser compartilhado por todos os grupos, e encontrar as estruturas mais profundas em que a informação e o valor da tez e do fenótipo próximo e/ou distante da branca habita. Assim, que tanto para tez como para o fenótipo, “a identificação dos códigos de comunicação e de suas influências recíprocas faz parte desse processo de conhecimento e de produção consciente” (GUIMARÃES, 2004, p. 107).

Orí é a palavra mais culta porque é o homem, sou eu. Porque é o indivíduo, a identidade individual, coletiva, política, histórica. Este nome criado por nós, a grande massa de reprimidos antes, depois oprimidos, torturados. Transgressores, Orí passa acompanhar quando o movimento procura o processo de institucionalização. Os processos abertos da fala” (NASCIMENTO apud RATTS, 2007. Logo, a orificação é uma tomada de expressão de si mesmo: diante do engano, amargou do loleiro rosa e representou o início do processo, no qual o não-ser percebe a farsa da ascensão promovida pela certificação ISO, e que sua situação permanecia a mesma e que a do nada. E retorna ao seu passado ancestral onde a certificação Orí é sua meta.

## Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. “Stultife Navis.” In: *História da loucura*. 9ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, pp. 3-44.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 36ª. Ed. Petrópolis, Vozes, 2009.

DUMONT, Louis. “Prefácio à edição”; “Prefácio”; “Breve nota sobre a transcrição das palavras indianas”; “Introdução”. In: *Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*. 2008, pp. 11-67.

GOFFMAN, Erving. “Estigmas e identidade social.” In: *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, pp. 11-50.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. 3ª. Ed. São Paulo: Annablume, 2004.

JUNG, Carl Gustav. “Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo.” In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 8ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 11-50.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Abertura”. In: *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, pp. 19-52.

MACHADO, Irene (org). “Apresentação: por que semiosfera”. In: *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007, pp.13-23.

NKRUMAH, Kwame. *A luta de classes em África*. 2ª Ed. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica – sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

ROSA, Rosana. *A repetição demoníaca da segregação corporal*. In: LYRA, Bernadette e GARCIA, Wilton (orgs). *Corpo e imagem*. São Paulo: Arte e Ciência, 2002, pp. 55-65.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 34ª. Ed. Cultrix, 2012.

VERA CRUZ, Elizabeth Ceita. “Assimilados e crioulos: mestres e aprendizes ou como o passado de presentifica.” In: *Lucere*, ano. 6, n.º 7, junho de 2011, pp. 123-134.

XAVIER, Ismail. “Alegorias históricas.” In: RAMOS, Fernão Pessoa (org). *Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica*. Vol. I. São Paulo: Senac/Sp, 2005, pp. 339-379.